

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

MAPAS E MAPEAMENTOS SOCIAIS DAS HISTÓRIAS ESPACIAIS DO SÍTIO SANTANA, BARBALHA, CEARÁ

**Raiza Maria Alves Bezerra¹, Dara Elise Camêlo Monteiro², Ana Clara
Silvino Silva³, Bianca Alencar de Almeida⁴, Anael Ribeiro Soares⁵, Cassio
Expedito Galdino Pereira⁶**

Resumo: O presente trabalho tem o objetivo de apresentar o papel do mapeamento participativo que vem se realizando na comunidade do sítio Santana, localizada em Barbalha, Ceará. Essa comunidade que ao longo de décadas vem sofrendo com os avanços de degradação e injustiças provocados pelo capitalismo, sempre vem r-existindo, trazendo seus significados e interesses à tona. Dessa forma, a partir de uma pesquisa-ação, busca-se colocar no papel e grafar essas histórias espaciais para suscitar e fortalecer as lutas e r-existências. As constatações apresentadas trazem luz sobre a importância de se mapear os enredos cotidianos para o fortalecimento dos movimentos e reivindicações sociais.

Palavras-chave: R-existências. Comunidade. Cartografia Social.

1. Introdução

O presente trabalho tem como propósito apresentar os resultados parciais do projeto sobre mapeamento social da comunidade do sítio Santana, localizada em Barbalha, Ceará. Essa comunidade vem sofrendo nos últimos anos com ações antrópicas causadas pelo o agronegócio. A comunidade é bastante rica de recursos naturais e culturais, porém, com a implantação da monocultura da banana, os moradores tiveram problemas sócio-espaciais, ambientais e culturais intensificados, o que gera a situação de conflitos territoriais. Nesse sentido, pensando a relação entre sociedade e imagens cartográficas para promover as histórias e geografia dos fenômenos (SEEMANN, 2013), queremos aqui expor os conflitos existentes e as relações espaciais e temporais do local.

Cabe lembrar que a Cartografia Social é um subcampo da Cartografia que se apropria de suas técnicas e métodos por pessoas não especialistas para elaboração de mapas a contrapelo, que tragam a dinâmica sócio-espaciais e ambientais dos sujeitos subalternizados (ACSELRAD, 2013). Assim, os

1 EEMTI Almiro da Cruz, email: iza123vip@gmail.com

2 EEMTI Almiro da Cruz, email: elisedara512@gmail.com

3 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, email: silvino.clara13@gmail.com

4 Universidade Regional do Cariri, email: bianca.almeida@urca.br

5 EEMTI Almiro da Cruz, email: anael.rs@gmail.com

6 Universidade Regional do Cariri, email: cassio.expedito@urca.br

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

mapeamentos sociais são criados com e pelas comunidades, sendo instrumento de defesa e reivindicação de seus direitos (GIRARDI, 2016). Sobre esse viés, no Brasil há inúmeros projetos sendo desenvolvidos, especialmente em comunidades e povos tradicionais que acabaram tendo suas terras tomadas e sua história apagada, colocando os mapas como forma de organizar a luta e resistência, para povos que são esquecidos pela a sociedade.

O mapeamento participativo promove a democratização do fazer cartográfico recolocando-o como pratica social (ACSELRAD, 2013). É uma ‘arma’ de comunicação e denúncia para a defesa dos direitos desses grupos em relação aos grandes investimentos econômicos e para (re)conhecer a história das comunidades subalternas (WOOD, 2010). Partindo desse pressuposto, é pertinente afirmar que a Cartografia Social deve ser usada como uma estratégia de luta a fim de legitimar a r-existência da comunidade, conhecer sua história, além de promover a visibilidade das disputas e dinâmicas territoriais do sítio Santana.

2. Objetivo

O principal objetivo dessa pesquisa é mapear com a comunidade do sítio Santana, Barbalha-CE, as problemáticas socioespaciais para suscitar e fortalecer a organização, as lutas e as resistências da gestão comunitária do território vivido. Outros propósitos também a ser obtidos são a identificação das principais mudanças decorrente da produção agrária nas comunidades; entender o processo de ocupação, organização e produção do território das comunidades no contexto das questões política, econômica e social da formação histórico-territorial-cultural do Cariri cearense; averiguar os interesses, em como os impactos, atrelados às ações do Estado e das empresas na transformação das comunidades; elaborar mapas para mostra os impactos positivos e negativos dos conflitos territoriais recentes nas comunidades; Proporcionar o debate sobre a produção e utilização de mapas participativos para a gestão comunitária do território.

3. Metodologia

Para a efetivação desta pesquisa foi feita primeiramente um levantamento bibliográfico, documental e cartográfico, no qual se deu a investigação acerca dos temas cartografia social, conflitos territoriais e região. Essas etapas foram primordiais para uma melhor fundamentação teórica e metodológica, onde foi possível obter dados e informações sobre o agronegócio, reprodução do capitalismo no espaço agrário, comunidades tradicionais e cartografia social. Partido disso se deu também as buscas dos acervos disponíveis tanto no meio digital como em órgãos e associações que pudessem ter/trazer tais dados.

Devido a pandemia ocasionada pelo vírus da Covid-19 as atividades de campo tiveram que ser readaptadas conforme o atual cenário, uma vez que, originalmente estava previsto a utilização de métodos presenciais nas comunidades em parceria com as lideranças e antigos moradores da localidade.

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: "Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação"

Contudo, conseguimos viabilizar a excursão das atividades por meio digitais e visitas a campo respeitando as normais sanitárias com 4 lideranças da comunidade, onde foi possível apresentar o projeto de pesquisa e entrevista-los sobre os conflitos recentes e a organização da comunidade afim de resgatar suas identidades históricas e as mapeando.

Sobre o mapeamento, foram elaborados mapas mentais com as lideranças da comunidade, esses nos enviaram pelo whatsapp suas representações e visões da história e espacialidade da comunidade, como também apontaram os dilemas atuais. Além disso, teve-se acesso a um cordel que narra as memórias de uma das lideranças da comunidade, dando pistas das histórias espaciais que por ali ocorreram, bem como situando novos fronts da pesquisa.

Para alcançarmos os objetivos propostos se fez necessário também o uso da metodologia pesquisa-ação, onde as pessoas envolvidas (re)construíram as bases metodológicas de como agimos. A pesquisa buscou ser estruturada a partir da realidade social, onde operamos pelas situações e demandas exigidas. Dessa maneira, a pesquisa pensou os procedimentos para deliberar ações transformadoras resolvida de forma coletiva e não deixada apenas para pesquisadoras(es).

4. Resultados

A pesquisa até o presente momento nos fornece uma leitura sobre os conflitos territoriais, representando que estes iniciaram desde os primeiros moradores e engenhos de cana-de-açúcar que chegaram na comunidade, os quais eram da família Vieira. Nas narrativas do mapa (figura 01) feita pelo entrevistado A pode-se entender que estes primeiros moradores tinham a plantação de milho, arroz, macaxeira, como sua fonte de renda e alimentação, sendo plantação de subsistência que se confrontava com as plantações de cana-de-açúcar. Todo mundo que ali habitava vivia da roça.

Os engenhos que ali tinham usavam a madeira local para seu funcionamento, sendo que suas atividades iniciavam as três horas da manhã. A partir da década de 1960 para 1970 há um adensamento populacional, fazendo na comunidade chegar outras famílias que começaram a adquirir terras ou trabalhar por sujeição. Cabe destacar que se os residentes não tivessem terras para plantar deveriam pagar uma porcentagem para os proprietários para cultivar as terras.

Com o crescimento da comunidade ela começa se organizar através do surgimento do grupo "JUPP" em 1980, marco importante para que a comunidade ganhasse forma. O grupo JUPP, junto com os moradores, construíram e/ou reivindicaram melhorias na infraestrutura local, trazendo a primeira capela, quadras e energia para a comunidade.

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

6. Agradecimentos

Primeiramente, agradecemos a iniciativa de criar projetos que ajudem as lutas das comunidades, ao PIBIC-EM/CNPq pelo o incentivo e apoio financeiro, bem como a Escola de Ensino Médio em Tempo Integral (EEMTI) Almiro da Cruz por nos incentivar a fazer pesquisa sobre a história espacial da comunidade.

7. Referências

ACSELRAD, H. Introdução. In: ACSELRAD, Henri (Org.). **Cartografia social, terra e território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2013, p.15-40.

GIRARDI, Gisele. Mapeamento participativo, cartografia social e crítica: breves notas para um debate sobre práticas cartográficas escolares. In: Lígia Maria Brochado de Aguiar; Carla Juscélia de Oliveira Souza. (Org.). **Conversações com a Cartografia Escolar: para quem e para que**. 1ed. São João del Rei: UFSJ, 2016, v. 1, p. 46-60.

SEEMANN, Jörn. **Carto-crônicas. Uma viagem pelo mundo da cartografia**. 2ª ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

WOOD, Denis. **Rethinking the power of maps**. Nova Iorque: The Guilford Press, 2010.